
PSICOLOGIA SOCIOESPACIAL: A EXISTÊNCIA GEOGRÁFICA NO MEIO AMBIENTE

LOPES, Jahan Natanael Domingos¹

Recebido (Received): 12/01/2022 Aceito (Accepted): 23/01/2022

Como citar este artigo: LOPES, J.N.D.; Psicologia socioespacial: a existência geográfica no meio ambiente. v.1, Edição Especial, p. 170-188, 2022 (Dossiê: Perspectivas Caleidoscópicas da Geografia da Saúde).

RESUMO: Ao passo de se configurar a psicologia socioespacial, prospectou-se a existência da circularidade entre a geopsicologia e a psicogeografia. Dessarte, a geografia psicológica no rumo do espaço ao existir e a psicologia geográfica do existir ao espaço, preocupam-se com a existência. Através da psicologia existencial, fomenta-se instruir, pelos conceitos heideggerianos, o ser-em (espacial) e o ser-com (social) para o Espaço social (ser-em-com) da existência geográfica. Disso, o meio ambiente transpassa a correlação entre a situação, a abertura existencial do meio e a relação, da bordura do circundante, o ambiente. Ainda, o mundo natural – ao ser-no-mundo – é base para o mundo mental – pelo mundo-no-ser –, concebendo, pois, uma trama de lugares provenientes do meio ambiente que configuram na consciência geográfica: nas memórias (históricas) e intenções (projetivas). Os lugares fornecem dimensões topofílicas e topofóbicas: sendo a primeira a dignidade saudável. Transpassa-se, pela trajeção, do corpo à mente o acoplamento dos lugares, interconectado o corporal (espacial) com o mental, consciente (temporal). Por fim, a saúde física e mental está ligada aos lugares: de trabalho, de morada, de espera etc. Assim, a psicologia socioespacial é também um projeto de política social visando à dignidade da existência geográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento geográfico; Geografia existencial; Psicologia existencial; Ontologia; Lugar.

SOCIO-SPATIAL PSYCHOLOGY: GEOGRAPHICAL EXISTENCE IN THE ENVIRONMENT

ABSTRACT: As socio-spatial psychology was configured, the existence of circularity between geopsychology and psychogeography was prospected. Disart, the psychological geography in the direction of space to exist and the geographical psychology of existing to space, are concerned with existence. Through existential psychology, it is promoted to instruct, by heideggerian concepts, the being-in (spatial) and the being-with (social) for the Social Space (being-in-com) of geographical existence. From this, the environment transpasses the correlation between the situation, the existential opening of the environment and the relationship, from the surrounding bordura, the environment. Furthermore, the natural world – by being-in-the-world – is the basis for the mental world – by the world-in-the-being –, thus conceiving a plot of places coming from the environment that configure in geographical consciousness: in (historical) memories and (projective) intentions. The places provide topophilic and topophobic dimensions: the first being healthy dignity. Through the costume, the coupling of the places, interconnected the body (spatial) with the mental, conscious (temporal) is transfixed by the costume. Finally, physical and mental health is linked to the places: work, abode, waiting, etc. Thus, sociospatial psychology is also a social policy project aimed at the dignity of geographical existence.

¹ Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: jahan_natanael@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0410-5219>

KEYWORDS: Geographical thinking; Existential geography; Existential psychology; Ontology; Place.

Introdução

A coisa que estava à espera, alertou-se, precipitou-se sobre mim, penetra em mim, estou pleno dela. – Não é nada: a Coisa sou eu. A existência, liberada, desprendida, reflui sobre mim. Existo.

(Sartre, 2019, p. 117)

Ao se adentrar na epistemologia da geografia, a abertura das interconexões permite transpassar outras ciências no trânsito de conceber espacialidade de interações para com outros fenômenos; aqui, perscrutar-se-á a coligação entre a geografia e a psicologia. Com esse propósito, a relação primordial a ser concebida é a condição da existência humana espacial, condicionada ao espaço, aberta na experiencialidade, isto é, caminha-se, dessa forma, a uma “psicologia do espaço [...] as relações do homem com o espaço [...] elas se combinam em uma experiência vivida que serão as idades da vida, sua forma, sua estrutura e seus factos.”² (FRÉMONT, 2001, p. 65). Com tal compreensão, atenta-se à questão existencial e espacial interpermeando-se para pensar na psique humana em sua abertura ao mundo vivido. Essa primeira aproximação indica uma dupla relação, tanto da psicologia geográfica (da psique ao espaço) quanto da geografia psicológica (do espaço à psique) que, pensada em circularidade, interliga uma experiência dialética.

Dessarte, tem-se que para a “circularidade da experiência dialética [...] o critério evidente de seu valor totalizante é sua circularidade.” (SARTRE, 2002, p. 747). Assim, o ser-humano e o mundo-espacial estão conexos de modo a se constituírem de maneira inequívoca, mas não sem uma concepção fenomenológica de a própria relação ser a concepção perscrutada. A relação entre ser e mundo, psique e espaço esconde que a circularidade não é delineada por esses duplos polos, mas pela própria *relação* em questão: um polo apenas. Irrompe aqui uma ontologia da relação e, portanto, dispõe-se: “A espacialidade só pode ser descoberta a partir do mundo e isso de tal maneira que o próprio espaço se mostra também um constitutivo do mundo, de acordo com a espacialidade essencial da presença, no que respeita a sua constituição fundamental de ser-no-mundo.” (HEIDEGGER, 2015, p. 168). Nisso, todos os conceitos imbricam-se em relação, sendo a relação a ontologia dessas concepções, haja vista marcarem a circularidade existencial.

A relação entre geografia e psicologia é uma relação espaço-experiencial. Entre as possibilidades, há uma vasta historiografia de aberturas. Começa-se, logo, pelo determinismo

² Tradução livre de: “le psychologie de l'espace [...] les relations de l'homme à l'espace [...] elles se combinent en un expérience vécue qui, selon les âges de la vie, se forme, se structure et se défait.”

geográfico difusionista ao se contemplar na obra *Antropogeografia* que “Ratzel definiu o objeto geográfico como o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade. Estas influências atuariam, primeiro na fisiologia (somatismo) e na psicologia (caráter) dos indivíduos e, através destes, na sociedade.” (MORAES, 2007, p. 69). Rente ao darwinismo spenceriano, em Ratzel, encontra-se a primeira noção geográfico-psicológica, a marcar uma relação de um ser humano deveras orgânico disposto em um meio ambiente: em simultâneo determinado, mas confrontante pela técnica. A questão primorosa é perceber que a relação está concebida a partir do corpo e, através dele, ao plano psicológico.

Ao passo de continuação, tem-se uma dupla relação a ser perscrutada: a geografia psicológica e a psicologia geográfica. Analisar-se-ão essas duas noções a fim de embrenhar-se nas alcunhas da tessitura entre a Geografia e Psicologia a serem abertas – nota-se, durante o trabalho, a utilização de iniciais das palavras minúsculas para conceitos e maiúsculas para categorias.

Na primeira concepção, pontua-se a construção a partir de M. Sorre (1984), que fundamenta uma geografia psicológica³ com o intuito de estabelecer uma Geografia médica que corresponda a uma ligação existencial para com o meio e, dessa forma, compreender o “complexo patogênico” (ibidem, p. 45). Com isso, tem-se para o complexo “a teia de relações entre o meio e o natural, o ser vivo e o homem, vivendo lado a lado e mantendo entre si relações mais ou menos intensas e duradouras. Juntamente com o homem e o agente causal da doença, compreende a existência dos seres humanos.” (ibidem, p. 13). Portanto, é-se pertinente notar a relação existencial da relação humana para com seu entorno experiencial defronte à natureza. As patologias, logo, ocorrem na circunstancialidade da existência humana para com seu meio ambiente. O autor, pois, introduz o meio na relação com a psique, estipulando uma interação intercomunicada de construção biossocial.

O impacto geográfico da relação da experiência de circularidade humana aponta-se aberto à existência geográfica enquanto ser-afetante e ser-afetado: relaciona-se com o circundante, afere-o, mas ele também retorna de modo afrontoso. Aqui o corpo e a existência interligam-se ao meio ambiente pelo âmbito psicológico geográfico.

Compete-se, em segundo, pensar em G. Debord (2003), filósofo materialista, que ao refletir sobre uma psicologia geográfica, refere-se à permeação entre o meio ambiente em efeito para com as emoções e comportamentos – quer sejam conscientes ou inconscientes,

³ Carece, de modo historiográfico, pensar, segundo J. Maiseunneuve (1967, p. 88) nos trabalhos de J. L. Moreno, que construiu a sociometria por volta de 1934, ciência a qual “trata-se de aplicar a medida (*metrum*) ao ser social (*socius*), de estabelecer uma espécie de ‘geografia psicológica dos grupos’”. Essa seria uma tentativa deveras antiga e de construção um tanto paralela aos trabalhos sorreanos.

individuais ou coletivos –, fundamentando a noção de “psicogeografia”⁴ (ibidem, p. 39). Disso, entende-se que: “A psicogeografia seria o estudo das leis exatas e dos efeitos precisos do meio geográfico, planejado conscientemente ou não, que agem diretamente no comportamento afetivo dos indivíduos. ” (ibidem, p. 39). Prospecta-se, assim, para uma conexão geográfico-psicológica que amplamente o adjetivo “psicogeográfico [...] pode, portanto, ser aplicado aos dados estabelecidos por esse gênero de pesquisa, aos resultados de sua influência sobre os sentimentos humanos e até, de um modo mais geral, a qualquer situação ou conduta que pareçam provir do mesmo espírito de descoberta. ” (ibidem, p. 39). Essa confraternização de elementos – sentimentos, situações, condutas, descobertas – reúne o vivido, sobretudo o cotidiano, ao meio ambiente psicogeográfico alicerçado por uma natureza objetiva à circularidade.

Em M. Sorre e G. Debord há as bases para se pensar na ligação, respectivamente, da geografia psicológica e da psicologia geográfica. Os dois termos enfatizam a ideia de meio e prospectam uma forte relação com a natureza, haja vista o entorno humano, experiencial, convocar a espacialidade no vigor da existência geográfica. Logo, ambos estão pensando na externalidade geográfica para convocar a psique, ou seja, caminha-se contra um psicologismo, ademais, contra uma posição metafísica da dimensão psicológica; os dois autores pensam no campo psicológico existindo, na factualidade mundana, através da realidade terrena. É-se, pois, através da Geografia existencial que a perspectiva da relação psicológica e geográfica, mutuamente interpermeado, permite-se florescer.

Adentrar-se, portanto, na Geografia existencial, consente desvelar a dinâmica própria entre ente, ser e nada geográfico (LOPES, 2021). Desse modo, perspectivar-se-á a abertura da existência geográfica em sua dimensão psicológica através de uma filosofia existencial. Essa, então, é a concepção aberta na coligação da ontologia para com a fenomenologia, em uma Psicanálise existencial à Psicologia existencial aqui transpassada, respectivamente, para com J. Sartre (2015) para a fenomenologia do ser e M. Merleau-Ponty (2018) para a fenomenologia da percepção. Por conseguinte, ter-se-á a investigação para uma compreensão acerca da relação da geografia e a existência para, assim, tecer uma apreensão

⁴ À guisa de concepção historiográfica, tem-se que: “O conceito de psicogeografia foi criado em 1955 por Guy Lous Debord” (BOMFIM, 2020, p. 192). Disso, percebe-se que a geografia psicológica antevê a psicologia geográfica, pensando em um compasso cada vez mais próximo da existencialidade humana. Atenta-se, também, que o contexto de vanguarda modernista e urbanista da década de 50 à 60 concebeu a partir do grupo Internacional Situacionista (SI), cujo G. Debord foi um dos precursores, são o coletivo, inclusive, a conceber a psicogeografia.

da relação entre a experiência da existência e meio ambiente. A configuração, portanto, está ao assentar o existir no meio como coligação entre a geografia e a psicologia.

De modo a transpassar um percalço do que vem a ser a construção da circularidade entre a geopsicologia, pela geografia psicológica e a psicogeografia, pela psicologia geográfica ter-se-á uma concepção, a partir da Geografia existencial para com a Psicanálise existencial e Psicologia existencial, uma conexão que provoca a concepção de uma: Psicologia socioespacial. Por entre ela, a circularidade psicogeográfica e geopsicológica vigoram às múltiplas relações da existência geográfica e o existir geográfico situados no meio ambiente. Eis, então, uma centelha preambular das aberturas a serem investigadas.

Geografia e existência

Um psicólogo de nascença evita por instinto olhar para ver: ocorre o mesmo com o pintor de nascença. Não trabalha jamais “de acordo com a natureza” – ele se reporta a seu instinto, a seu quarto escuro para peneirar, para expressar o “caso”, a “natureza”, a “coisa vivida”...

(Nietzsche, 2020, p. 58)

No transpassar entre a dimensão psicológica e a geográfica, têm-se dois adjetivos, jamais substantivos, que permitem qualificação. Projeta-se, enquanto concepção fenomenológica, uma abertura da existência geográfica a partir do Espaço social, isto é, segundo uma base de M. Heidegger (2015) aos conceitos de ser-em (espacial) e ser-com (social)⁵. Assente-se que nesta composição abre-se a ontologia da presença (*Dasein*): “o ser-com constitui existencialmente o ser-no-mundo” (ibidem, p. 177); “o ser-em é sempre um poder-ser-no-mundo.” (ibidem, p. 205); “o ser-em é ser-com os outros.” (ibidem, p. 175). Encontram-se os conceitos em sua interna circularidade, o ser-em é a abertura existencial das possibilidades, enquanto todas estão ligadas a partir do ser-com, ou seja, ser-para-com-os-outros. Ser-no-mundo é o próprio ser-com, enquanto mundo-no-ser é o próprio ser-em, enquanto concepção geográfico-existencial (LOPES, 2019). O Espaço social é, justamente, ontológico a partir do ser-em-com. É-se, pois, geográfico e psicológico a partir do meio (espacial) e do ambiente (social).

Disso, compreende-se uma aproximação intersubjetiva da existência geográfica e que, enquanto geográfica (ser-em, por abrir o poder-ser), possibilita a dimensão psicológica (ser-

⁵ Esta concepção do ser-com (*mitsein*) e o mundo-com (*mitwelt*), são conceitos heideggerianos que permitem uma ampla noção social. O ser-com, para a psicologia social de J. Maisounneuve (1967, p. 33), compreende-se: “Em nível sociológico, a experiência ‘estar com’ parece corresponder ao conceito de massa”. Ao passo deste trabalho, entende-se o ser-com enquanto social, nem recaindo na indiferencialidade da massa e nem em uma concretude intersubjetiva.

com, incluindo a debilidade do ser-só). Com M. Heidegger (2015, p. 191), verifica-se que “a espacialidade existencial da presença que lhe determina o ‘lugar’ já está fundada no ser-no-mundo.” Assim, os lugares constituem a presença, sendo acoplados na consciência, que é tempo, a partir das memórias históricas e das intenções projetivas. A consciência é uma trama de lugares interconectados, ao passado os lugares-fechados, ainda que possam ser ressignificados ou esquecidos, e ao futuro os lugares-abertos, voláteis à imaginação e aos desejos do indivíduo. No entanto, não se deve jamais esquecer: fenomenologicamente o tempo está acontecendo somente na presença, não havendo secções anteriores ou posteriores.

À trama que concebe pensar o componente sociológico ao psicológico, espacializa-se ao fermentar que para “o equilíbrio emocional do sujeito que procura escapar da estigmatização só é conseguido por meio de racionalizações que escondem sua origem social ou pela aceitação da impotência frente aos fatos e poderosos, gerando novos conflitos pessoais e socioespaciais.” (PELUSO, 2003, p. 325). Com isso, o estar é alvo de discriminação, entre posições geográficas de privilégio e marginalização, configurado em uma rede socioespacial que transtorna uma dimensão psicológica, tanto dos afetados quanto dos afetantes.

Convoca-se pensar, segundo T. Balbi *et* L. Ferrara (2018, p. 31, grifos nosso), sobre “a urgência de uma reflexão sobre as questões socioespaciais que consideram sua existência relacional, as suas **trajeções** e **hibridizações** entre o imaterial e o material.” Isso, pois, transpassando intensos conceitos, *trajeções*⁶ enquanto relação entre corpo e mundo e hibridização quanto compenetrar dentro dos conceitos concepções racionais e empíricas. Traquitana-se nesses conceitos um alicerce investigativo possível.

Há mais recortado. Vislumbra-se o estudo de G. Gonçalves (2019, p. 109-110): “a prática da deriva⁷, atrelada à psicogeografia, viabiliza experimentações e possibilidades

⁶ Esse primeiro, proveniente de A. Berque (2012, p. 10), concebe: “Tal é a pulsação existencial que, do fundo do corpo ao fim do mundo, do fim do mundo ao fundo do corpo, anima a mediância dos meios humanos. Por isso, cada um de nós traz em si o mundo; e é por isso que o mundo nos interessa: no seio de nós mesmos, ele repercute na nossa cabeça e nas nossas vísceras.” A *trajeção*, pois, nos termos aqui construídos, é a ligação entre o ser-no-mundo e o mundo-no-ser.

⁷ Concebe-se, a partir de P. Jacques (2003, p. 80) que: “Os recursos da psicogeografia são numerosos e variados. O primeiro e mais sólido é a deriva experimental. A deriva é um modo de comportamento experimental numa sociedade urbana. Além de um modo de ação, é um meio de conhecimento, especialmente no que se refere à psicogeografia e à teoria do urbanismo unitário. Os outros meios, como a leitura de fotos aéreas e de mapas, o estudo de estatísticas e de gráficos ou de resultados de pesquisas sociológicas, são teóricos e não possuem este lado ativo e direto do qual pertence à deriva experimental.” Isso, pois, assenta uma redução à capacidade psicológica e geográfica em uma restrição urbana, de grande capacidade, de fato, mas deveras reclusa.

consideráveis para o desvendamento crítico da realidade socioespacial, mais notadamente em áreas urbanas, e já não pode mais ser desconsiderada ou desprezada”. O erro crucial desse autor é fomentar, na mesma medida de interesse europeísta, quase exclusiva construção para a Geografia urbana. Uma relação entre a psicologia para com a sociologia e a geografia deve caminhar, como pensamos, para a compreensão da existência geográfica em todas suas facetas e não apenas às urbanidades.

De outro modo, R. Torres (2009, p. 74), também ao dimensionar o psicológico com o sociológico para o geográfico, corresponde tal interdisciplinaridade que “a essência humana é social, logo, boa parte das concepções, da visão de mundo, é apresentada desde cedo pela família e, no convívio social, nas demais instituições, ao qual se faz parte no decorrer da vida, o que vem ampliar estas concepções.” No entanto, as láureas de sua interrelação disciplinar são atropeladas pela sua enfática às representações sociais, e não elas nelas mesmas, isto é, a representação idealiza uma situação e desvincula um mundo mental de um mundo natural; não atribui à experiencialidade uma circularidade dialética.

Em vista de iniciar-se a construção dessa relação geográfica, tem-se em Y. Tuan (2012) um autor de enfáticas concepções psicológicas, a pensar na relação corpo e mente, “os seres humanos ostentam uma capacidade altamente desenvolvida para o comportamento simbólico. [...] Com ela, os seres humanos construíram **mundos mentais** para se relacionarem entre si e com a realidade externa.” (ibidem, p. 31, grifo nosso). Desse modo, provoca-se considerar que o homem geográfico amplia toda a realidade em uma mundanidade, desfigurando as coisas em objetos e, deles, objetando um plano simbólico. Desde o valor – ao ouro, às moedas, ao dinheiro, ao espaço etc. –, exemplo máximo de humanização do inerte em prático, até a cultura em seu enraizamento no qual vigoram a ancestralidade (pelo passado) ou a progressividade (pelo futuro); são mundos mentais abertos pela realidade terrena.

O ponto-chave é pensar na realidade externa com o ambiente circundante de um meio de experiencialidade, em mútuo transpassar. Dessarte, contempla-se ao homem no mundo que: “O meio ambiente artificial que construíram é um resultado dos processos mentais, de modo semelhante, mitos, fábulas, taxonomias e ciência. Todas essas realizações podem ser vistas como casulos que os seres humanos teceram para se sentir confortáveis na natureza.” (ibidem, p. 31). É, então, em uma dominação da natureza – quer seja pela admiração ou pelo terror – que o homem geográfico engenha, em uma relação técnica, o seu entorno psicológico. A existência está no meio tal como o meio está no ambiente, são irradiações do existir a fomentarem o criado, psicologicamente, mundo circundante.

A psicologia é existencial porque parte da existência e a geografia é existencial porque parte da Terra ao Mundo e, deste, ao Universo. Isto é, desvelando a “Geografia existencial” pela totalidade geográfica, calca-se: da Terra (ente – ôntico – realidade – entosférica) para o Mundo (ser – ontológico – mundanidade – ontosférico) e o Universo (nada – ôntico-ontológico – nadidade – nadosférico) (LOPES, 2021). Ou seja, a existência geográfica tece um Mundo a partir da Terra. Dada essa relação geográfica, afere-se uma traquitana que modela o mundo ao simbólico, essa é a relação psicológica. Dito de outra forma, tem-se que: o *ser-no-mundo* é o mundo natural e o *mundo-no-ser* é o mundo mental. Sendo, pois, a trajeção o transpassar entre eles, ao corpo para o mundo, define-se, assim: “ ‘trajeção’; trans-, neste caso, significando que a realidade vai além do material, ao mesmo tempo retornando a ele também. Ela desenvolve seu espaço (*räumt*) em um certo meio. ” (BERQUE, 2012, p. 7). Na relação entre mundo natural e mundo mental o transpassar geográfico ao psicológico caminha em retorno do psicológico ao geográfico, eis a circularidade dessa experiência dialética.

Ao passo de elaborar uma melhor compreensão da psicologia existencial, isto é, sendo a base tanto para uma geografia psicológica, pela geopsicologia, quanto para a psicologia geográfica, pela psicogeografia, assenta-se a fundamentação a partir da ontologia fenomenológica apoiada no filósofo existencialista J. Sartre (2015, p. 682), o qual, no capítulo “A psicanálise existencial”, da obra *O Ser e O Nada*, apresenta as seguintes proposições:

- “O **princípio** desta psicanálise consiste na assertiva de que o homem é uma totalidade e não uma conexão; [...] não há um só gosto, um só tique, um único gesto humano que não seja revelador. ” (ibidem, p. 696, grifo nosso). Isso revela a noção oposta ao inconsciente velador, há absoluta expressão, são manifestações da consciência, quer seja ela tética (de si mesma e daquilo que intenciona), o cogito *reflexivo*, ou não-tética (não de si, mas somente daquilo que intenciona), o cogito *refletido*;

- “O **objetivo** da psicanálise é decifrar os comportamentos empíricos do homem, ou seja, clarificar ao máximo as revelações que cada homem contém e determiná-las conceitualmente. ” (ibidem, p. 696, grifo nosso). Aqui, pensa-se na estruturação da linguagem a ser construída por essa psicologia, correspondendo a utilização de conceitos que remetam às expressões – náusea, angústia, solidão, curiosidade, amor –, sendo à psicoterapia focado sobretudo ao que incomoda o paciente;

- “Seu **ponto de partida** é a experiência; ” (ibidem, p. 696, grifo nosso). Nessa proposição entende-se a enfática fenomenológica partindo da experiencialidade, quer seja a aportada nas memórias (passadas), intenções (futuras) ou na totalidade temporal da

corporalidade-consciente (presente), atentando-se que a divisão do tempo (ser) não é fragmentada, mas sintético-analítica;

- “Seu **método** é comparativo: uma vez que, com efeito, cada conduta humana simboliza à sua maneira a escolha fundamental a ser elucidada, e uma vez que, ao mesmo tempo, cada uma delas disfarça essa escolha sob seus caracteres ocasionais e sua oportunidade histórica [...]” (ibidem, p. 696, grifo nosso). Dito isso, verifica-se a experiência em sua temporalidade, marcando os mundos mentais (simbólicos) na abertura dos seres, sobretudo patológicos; estabelece-se, assim, a investigação ontológica pelo ôntico que ascende, cerne para investigação psicoexistencial.

Dessa configuração, caminha-se a um retorno ao começo desta primeira seção, ao Espaço social. Nele se situa a existência geográfica e é ela a ser investigada na psicologia existencial. Ao homem geográfico em sua espacialidade social, evoca-se pensar que seu dado ao ser-em e ser-com devem estar associados à compreensão de seu caráter existencial. Isto é, situado o Espaço social –coligado à historicidade e geograficidade –, o caminho para a existência socioespacial sustenta-se na compreensão da existência comum à existência individual. A escalaridade geográfica, tanto espacial quanto temporal, alega-se do mundo (natural e mental) à existência geográfica de um ser humano em questão.

Fermenta-se, segundo É. Dardel (2011), ao passo de conceber o ser-em, lugarizado e lugarizante, ao ser-com, perpetrado em relações sociais de trabalho, que: “É desse ‘lugar’, base de nossa existência, que, despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audaciosos ou circunspectos, para trabalhá-lo. ” (ibidem, p. 40-41). Desse horizonte, entende-se a existência geográfica de um ser humano e, embora ela contenha uma profundidade circular – ser-no-mundo e mundo-no-ser –, averigua-se uma noção mais evidente ao existir geográfico, lê-se: “No entanto, o elemento ‘terrestre’ da pedra resiste a nossos esforços de penetrar em sua natureza. Podemos quebrá-la em mil fragmentos, mas nela não encontraremos jamais qualquer coisa de ‘interior’ que nos revele seu segredo. ” (ibidem, p. 43). Transpassa, o autor, de um existencialismo heideggeriano ao sartreano e, assim, prefigura uma centelha de se identificar a existência do existir. De modo geográfico-existencial, a existência é uma ascensão da Terra ao Mundo e o existir é da Terra ao Universo.

Constata-se, pois, aqui, que na trama construída, a circularidade da geografia psicológica e da psicologia geográfica revelam-se, do circunscrito em escalaridade sintético-analítica, para uma psicologia socioespacial da existência. Ainda, ao se desvelar a capacidade de se pensar a psicologia da existência e a psicologia do existir, desvela-se o homem geográfico e a pedra geográfica. Logo, da consciência ao objeto e do objeto à coisa finda-se

a chegar no que é *dado*. A psique é abertura ao meio ambiente, mas, também, o meio ambiente é abertura da psique. Segue-se, então, a um novo aprofundamento, elucidado que a psicologia socioespacial da circularidade entre geopsicologia e psicogeografia abre a existência geográfica. Essa linha de dual abordagem convoca um ritmo cada vez mais intrínseco à geografia existencial. Dessarte, da existência ao existir, do mundo mental ao mundo natural, da psicogeografia à geopsicologia, guia-se para uma verdadeira redução fenomenológica a desvelar toda a trama da psique em espacialidade. Assim, deve-se avançar a uma concepção ainda mais próxima do vivido das relações lugar e mundo na irradiação ontológica propulsionada pela psique em espacialidade através do meio em que transpassa e do ambiente que a circunda em sua bordura.

Experiência e meio ambiente

A Náusea não me abandonou e não creio que me abandone tão cedo; mas já não estou submetido a ela, já não se trata de uma doença, nem de um acesso passageiro; a Náusea sou eu.

(Sartre, 2019, p. 147)

Há na existência geográfica uma situacionalidade para com o meio ambiente. Provoca-se, isso, no dizer de J. Sartre (2015, p. 700): “O meio só poderia agir sobre o sujeito na medida em que este o compreende, ou seja, em que este o transforma em situação”. Essa tessitura do meio em uma perspectiva de situação é limitada no circundante das relações do ambiente. A escalaridade, mesmo do local ao global, ou, de modo existencial, do lugar ao mundo, conduz a uma parcimônia de contingência. De modo mais fundamental, tem-se com P. George (1973, p. 7) que o meio ambiente é, simultaneamente, um “meio e um sistema de relações. A existência e a conservação de uma espécie encontram-se subordinadas a equilíbrios entre processos destruidores e processos regeneradores de seu meio”. Essa base existencial, a qual evoca uma existência em relação a processos distintos, é uma súpula disposta a ser aprofundada, além de interconectada à experiencialidade.

Rumo à psicologia socioespacial, tem-se a existência geográfica como irradiadora de uma experiência específica com o mundo natural e com o mundo mental. Não sem situar uma abordagem mais materialista, alude-se que há a construção de M. Santos (2017, p. 257) a qual elabora pensar: “A tecnosfera é o mundo dos objetos, a psicofera é a esfera da ação. E os objetos, naturais ou artificiais, são híbridos, já que não têm existência real, valorativa, sem as ações. Assim cada lugar, cada subespaço, tanto se define por sua existência corpórea, quanto por sua existência relacional. ” É, então, cabível estabelecer a existência para com o

mundo natural em relações técnicas (tescnosfera) e a existência para com o mundo mental em relações simbólicas (psicosfera). A noção de esfera dá planetaridade não-euclidiana à experiência do meio (técnico e psíquico) em um ambiente (corporal e relacional). A *existência*, ao autor, não é ao acaso, haja vista antever uma disposição do ser humano existindo frente às dimensões que o circundam.

É isso. A perscrutação desenvolve-se em deduções que chegam à existência e, dela, ao existir como simulacro, então, ao vazio existencial. A preocupação com o existir, ainda que proeminente na geografia existencial, é encontrada na geografia ativa, na geografia crítica, na geografia humanista. Pensada enquanto movimentos político-epistemológicos, a instigação mantém-se, mas se acanha em dar movimento de retorno: chega-se à existência e dela encerra-se. Esse foi o mesmo fim do grande fiasco da “Geografia Pragmática, aquela que se aproxima da Psicologia, formulando o que se denomina Geografia da Percepção ou Comportamental. ” (MORAES, 2007, p. 114). Ao se pensar com a razão analítica, concebendo-se as partes em relação ao todo, reduz-se à pura percepção, ao puro comportamento. Mas há a necessidade de retornar, isto é, em uma razão dialética⁸, semear as partes que florestam o todo. A dialética concebe as relações, mas, formadas, tem-se a coexistência, não mais pendular.

Não se perde a capacidade fenomenológica ao se defrontar com a circularidade da experiência dialética, ao contrário, lembra-se, o perscrutado é a relação em si mesma e não os polos que ela conecta. Essa posição condiz com a última oração pregada por M. Merleau-Ponty (2018, p. 612): “O homem é só um laço de relações, apenas relações contam para o homem. ” E assim encerra a fenomenologia da percepção. A relação existe como dialética, mas não paira no que quer que seja dialetizado, porque a relação é o trunfo da circularidade, obdura-se a dicotomia ou a pendulação de polos que se explicam. Essa é a crítica da razão dialética.

Guia-se, logo, em outras profusões acerca da noção das relações rumo às sociais. Na obra *A psicologia social*, J. Maisonneuve (1967, p. 30) ao aprofundar o capítulo “fenomenologia da sociabilidade”, instiga pensar que, na “esfera da sociabilidade [...] a mais prosaica das influências é, antes do mais de ordem espacial; refere-se ao espaço da vida dos indivíduos e à sua posição respectiva no setor comum. ” (ibidem, p. 61). Com isso, a configuração socioespacial das relações psicossociais prefigura uma sintonia à ordem

⁸ Concebe-se, aqui – a fim de ampliar uma concepção sintético-analítica – a crítica de Lévi-Strauss (1976, p. 281): “Sartre chama a razão analítica de razão preguiçosa; chamamos dialética a mesma razão, mas corajosa: arqueada pelo esforço exercido para sobrepujar-se. ” Dessarte, a primeira caracteriza os elementos e os relaciona, enquanto a segunda os situa de modo a circular.

espacial. A psicologia socioespacial preenche-se de sociabilidade no íterim do espaço da vida, sendo, de modo existencial irradiado da existência geográfica na bordura circundante de um meio aberto ao ambiente.

O caminho da abertura do espaço da sociabilidade para a espacialidade social está aportado no meio, assentando o existir ao ambiente que dá base às relações. Isso, pois, afere ao passo que a investigação “do psicólogo social está em estabelecer a maneira pela qual cada sujeito adaptou-se às normas da coletividade, como se integra nos meios que frequenta, qual o papel que neles representa, qual a ideia que se formou na sua mente a respeito deles, qual a eventual influência que aí exerce.” (ibidem, p. 8). Assim, o meio aporta a experiencialidade da existência geográfica, diversificando suas ações em frequentar, representar, mentalizar, influenciar. As experiências vividas na dimensão psicológica concebem e são concebidas a partir de relações tanto sociológicas quanto geográficas.

A psicologia social e a psicologia espacial interligam-se em uma psicologia socioespacial na relação entre existência e meio ambiente, sendo a existência compreendida de modo social ao ser-com e espacial pelo ser-em. O Espaço social, pois, corresponde à sociabilidade do espaço vivido, aberto pelo meio e relacionado pelo ambiente. A existência geográfica está no meio ambiente e sua psicologia socioespacial é o meio ambiente experienciado em situação. Dessarte, a experiencialidade da psicologia social é a circularidade geopsicológica e psicogeográfica. Essa é, tão logo, uma psicologia de abertura existencial.

Há, por conseguinte, uma necessidade de configurar melhor o sujeito que se alça enquanto pessoa sob a construção de uma personalidade. O meio ambiente fornece abertura e relações, mas há um estranhamento do si mesmo; aprofunda-se, assim, na posição nauseante do personagem pequeno-burguês Roquentin em *A Náusea* de J. Sartre (2019, p. 105), quando diz: “Minha existência começava a me espantar seriamente. Não seria eu uma simples aparência?” Aqui o Ser entra em questão, o percebido é o expurgo de um ser-no-mundo, no entanto, há algo além do evidente, o mundo-no-ser: uma trama de lugares da consciência geográfica.

É, neste horizonte, ao ser-no-mundo que a abertura ao mundo natural projeta uma posição da existência geográfica em um meio ambiente que na circularidade psico-socioespacial constrói os lugares que transpassam do corpo à mente. O mundo-no-ser é o mundo mental, concebendo uma rede de lugares, tanto lugares-fechados da memória quanto lugares-abertos das intenções. Assemelha-se com a proposição de *lugares geopsíquicos*, de J. Dias (2019), mas, também, prospecta-se a circularidade da existência geográfica não

somente geopsicológica, mas, também, psicogeográfica. Por conseguinte, seguimos com a problemática em um envolvimento da fenomenologia existencial, enquanto a autora preocupa-se com temas freudianos e lacanianos da psicanálise.

A investigação patológica na situação geográfica está na consciência, que é tempo, mas as memórias e as intenções estão conexas aos lugares, em tramas de espaço vivido – tanto histórico quanto projetado –, e desde os lugares da infância, do adulto e da velhice a trama das situações (meios) e relações (ambientes) constroem a personalidade geográfica. Assenta-se, por A. Frémont (2001, p. 137), a orientação de que: “Entre as pessoas e o espaço em que vivem, uma das relações mais fundamentais é a da percepção, do comportamento psicológico em relação a um espaço vivido.”⁹ Os lugares tramam regiões existenciais, ademais, são bases para as paisagens e, em dimensões de vontade de poder, estão fundados em um território. Deles partem a síntese-analítica da consciência geográfica.

Neste passo, atenta-se, os papéis sociais são identificados para com os lugares: na casa (filho, mãe, pai, irmão etc.), no trabalho (pedreiro, carteiro, presidente, geógrafo etc.), na escola (aluno, professor, diretor, inspetor etc.), no país (cidadão, policial, brasileiro, pessoa física etc.); a personalidade não é apenas uma trama de papéis sociais, mas uma trama de lugares. A associação psicológica e sociológica depende da situação geográfica. Dessarte, a experiência social parte da existência diante dos lugares e configura, da percepção, um comportamento exigido. Através da psicologia socioespacial a relação do espaço vivido permeia o ser social em suas personas.

Ao humano a configuração de um mundo abre-o a ser mais que uma corporalidade, mas enquanto um ser geográfico-social. Isto é, a partir de J. Sartre (2015, p. 709): “Há seriedade quando se parte do mundo e se atribui mais realidade ao mundo do que a si mesmo; pelo menos, quando se confere a si mesmo uma realidade, mas na medida em que se pertence ao mundo.” O mundo mental substitui o mundo natural, ou melhor, equiparam-se, haja vista que o ser humano sério, “sequer encara mais a possibilidade de sair do mundo, pois deu a si próprio o tipo de existência do rochedo, a consistência, a inércia, a opacidade do ser-no-meio-do-mundo” (ibidem, p. 709). Por essas vias, ao entender-se uma concepção que marca as relações em circularidade dialética em posição ao êxtero-condicionamento do prático-inerte, concebe-se tal que: “Marx colocou o dogma primordial da seriedade ao afirmar a prioridade do objeto sobre o sujeito; e o homem é sério quando se toma por objeto.” (ibidem,

⁹ Tradução livre de: “*Entre les hommes et l'espace où ils vivent, une des relations parmi les plus fondamentales est celle de la perception, du comportement psychologique par rapport à un espace vécu.*”

p. 710). Alienar-se, pois, o ser humano em uma presença socioespacial objetada é um alerta a ser evitado, já que jamais o vivido experiencial deve ser ignorado porque a existência é o conceito e não uma ideia de objeto.

O meio ambiente aporta a existência geográfica, mas são os lugares que dão a ela sentido. Aqui, aprofunda-se a pensar nas mais proeminentes relações ambientais: topofilia e topofobia. Esses conceitos exprimem a posição de Y. Tuan (2012; 2005) para com a experiência de amor e a experiência de medo. A topofilia permite ser pensada enquanto amor ao lugar, associada às paisagens do amor, assim como a topofobia condiz a ser pensada pelo medo ao lugar, conexo às paisagens do medo. Essa correspondência alude que os lugares são pensados pelas paisagens que evocam como seres nos estares. Aquecidas, pois, as noções, inicia-se a perscrutação à consciência geográfica: em rol de lugares passados (lugares-fechados) e lugares futuros (lugares-abertos) ambos em mútuo fazerem-se no presente.

Os lugares abrem a dimensão psicológica, o medo – ampliado em pavor, horror e terror – e o amor – concebido em *eros*, *filia* e *ágape* – são prefigurados na consciência, isto é, ela guarda essas emoções que desenvolvem sentimentos. Tão logo, as topofilias e topofobias são correspondentes tanto às funções maternas e paternas – em termos freudianos. Através dos lugares as neuroses acontecem, as psicoses evadem e o perverso manipula. A experiência no meio ambiente alude às relações do lugar da existência com os lugares existenciais em uma trama configurada. Como Y. Tuan (2005, p. 245) bem coloca: “A mente humana é um dom ambivalente. Apresenta-nos um mundo amplo, ordenado e bonito, mas também com imagens de caos, mal e morte.” São as topofilias e topofobias da existência geográfica que se abrem, na experiencialidade, do meio situado ao ambiente relacional. Aqui, reforça-se, encontra-se a personalidade em sua originalidade geográfica comportamental e, nas desformas, patológicas.

Como possibilidade, a partir de M. Turim (2004), tem-se que a topologia de leitura marca a diversidade das tessituras topofílicas e topofóbica na consciência, a partir de que: “As dimensões do mundo de cada um são organizadas em função das condições sociais e subjetivas em que se vive e das inúmeras interações que vão surgindo.” (ibidem, p. 155). Ao estudar os lugares de leitura, a autora atenta pensar no que as pessoas fazem com um “tempo de espera”, por ventura dedicado à leitura, escapando do lugar para outro, esta será uma memória de um mundo mental completamente aversa ao mundo natural, ademais: “O tempo de espera é, dessa forma, acolhido. O tempo vazio, preenchido e otimizado.” (ibidem, p. 154). Logo, a intenção opõe a angústia, aproximada ao mundo natural, defrontada em uma

construção dedicada a construir topofilias; ou seja, em um momento de lugar de espera, em um cotidiano tão simplório, a existência sadia esforça-se para o conceber sentido, tornando-o um lugar acolhedor. O mundo mental dignifica o mundo natural. O anseio humano é desejoso pela topofilia: isso deve ser contado como a égide comum à psicologia socioespacial.

Consoante a F. Nietzsche (2020, p. 44): “Ninguém é responsável pelo homem existir, de estar conformado desta ou daquela maneira, de encontrar-se em tais condições em tais meios. A fatalidade de seu ser não pode ser separada da fatalidade de tudo que foi e tudo o que será. ” Dessarte os meios, aberturas da situacionalidades, convocam existência aos lugares transpassando os ambientes em relações, isto é, o existir – base da existência – desmembra o ser no que é (em-si) ao que é o que não é e não é o que é (para-si): “Dizer que o para-si tem de ser o que é, dizer que é o que não é não sendo o que é, dizer que nele a existência precede e condiciona a essência [...] é dizer uma só coisa, a saber: o homem é livre. ” (SARTRE, 2015, p. 543). A liberdade entra em questão, não como benevolente, mas cúmplice do êxtero-condicionamento, ademais, aliada da alienação imperativa. O meio é liberdade, malgrado o ambiente seja exigência.

Ser livre é angustiante, os lugares estancam este vazio pelas situações e relações: o meio ambiente preenche a existência geográfica de topofilias e topofobias; viver passa a ter sentido, no mesmo estopim: psicológico, sociológico e geográfico. Eis, novamente, a psicologia socioespacial. De modo a situar o meio ambiente habitado, provoca-se a pensar que enquanto um lugar clássico, a morada, o desejo que segue é óbvio: torná-lo topofílico. Contudo, as relações desse lugar de morar podem ser completamente nauseantes, como pela configuração familiar perturbada, pelas condições insalubres de existência, pela distância de outros lugares necessários (mercados, hospitais, trabalho etc.), ou pela interrelação desses e outros. Pois bem, a existência geográfica aporta uma psique-social-espacial, mas que presencia uma corporalidade que percebe o meio ambiente para, assim, senti-lo.

Aqui, situa-se M. Merleau-Ponty (2018, p. 175) na seguinte proposição: “o corpo é definido pela existência em si, ele funciona uniformemente como um mecanismo; na medida em que a alma é definida pela pura existência para si, ela só conhece objetos desdobrados diante de si ”. Desse modo, o corpo percebe e transmuta o espacial natural em espacial mental. Nisso, o corpo, como presença factual no mundo, está aberto a uma percepção de mundo natural que pode, ou não, nauseá-lo, podendo, no extremo, matá-lo; sendo o modo de aparecimento do mundo que promove a reação, a formulação de um mundo mental pela

consciência geográfica: desde ressignificando lugares-fechados ou desintencionando lugares-abertos.

Ao se considerar ser, a liberdade, comum a todas as existências que compartilham factualmente um mesmo mundo, verifica-se que tal experiência torna-se uma questão fortemente política compartilhada do mundo geográfico. O direito à topofilia vem à tona. Entende-se que “corpo é veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”. (ibidem, p. 122). Disso, a coexistência é interligada pelos lugares e eles devem ser planejados por uma política social, em diversas escalas, a prover uma configuração justa e generosa para as existências geográficas.

Congrega-se, então, a partir dos “[...] processos subjetivos como formas de construção de representações socioespaciais, cuja experiência desempenha importante [função] para a constituição de um imaginário político comum.” (BOMFIM, 2020, p. 202). Afinal, a existência vivida assume uma experiência que alega a sua própria situação, há algum grau de lucidez das relações, assim, a política favorável à saúde permite-se ser exigida pelos situacionados conforme seu próprio meio ambiente – não somente como representação, mas enquanto realidade vivida. Honra-se à política socioespacial um pensamento acerca do guia ao bem-estar psicológico. Os meios ambientes, de ler, morar, trabalhar etc. exigem situações e relações topofílicas para a saúde, ao caminho do corpo para o psicológico.

Considerações finais

Rumo à psicologia socioespacial, isto é, a um projeto de circularidade entre a geopsicologia (pela geografia psicológica) e a psicogeografia (psicologia geográfica), ao passo de desbifurcá-las para um mesmo sentido, tem-se a intencionalidade deste trabalho. Afim de analisarem-se os dois caminhos de conexão entre Psicologia e Geografia, encontrou-se uma mesma problemática: a existência; dessa forma, coube pensar em uma síntese de ambas no prumo da existência geográfica. Desse modo, do espacial ao existir (geopsicologia) e do existir ao espacial (psicogeografia) a concepção de uma experiencialidade vem à tona. É-se, pois, na abertura para o meio ambiente que se evoca a interconexão das duas ciências, concebido o meio pela situação e o ambiente pelas relações. Nesse percurso, vislumbrou-se a base do pretendido.

Para a perscrutação, teceu-se o Espaço social a partir do ser-em (espacial) e o ser-com (social) na compreensão heideggeriana, logo que foi vestida a existência em sua abertura, do meio ao ambiente. Ademais, conforme a consciência é tempo, em memórias

(históricas) e intenções (projetivas), focou-se nos lugares que completamente constituem o existir, ao ser-em-com, em todo passado e futuro: ambos concebidos na totalidade da presença. No investigar da consciência geográfica, abriram-se a historicidade e a geograficidade em conluio; marcaram-se, então, ao passado os lugares-fechados e ao futuro, os lugares-abertos. Dessarte, as situações de experiencialidade configuram relações tanto topofílicas quanto topofóbicas, sendo, ao saudável desejada a topofilia.

Ainda, conecta-se pensar o mundo mental e o mundo natural. Pelo mundo natural, transforma-se na realidade mundanizada a um mundo mental. Disso, o ser-no-mundo (natural) fomenta o mundo-no-ser (mental) sob a circularidade da experiência da razão corajosa. Assim, ao Ser há o existir corporal – no mundo natural – rumo à existência consciente – no mundo mental. O mundo-no-ser é configurado por uma trama de lugares, é o complexo da consciência geográfica. Nesse intento, o meio ambiente aporta as coisas em objetos (inertes e práticos) que designam lugares e assentam-se no consciente; então, o homem geográfico é livre embora exigido no êxtero-condicionamento. É, sob essa abertura, que se erige a investigação psico-socioespacial.

A penetração na dimensão da psique-socioespacial está em perceber os lugares e suas correlações psicológicas para com as dimensões sociológicas. O meio abre a existência geográfica enquanto o ambiente é a bordura do circundante social na coexistência geográfica. Pelo meio ambiente, portanto, todo o lugar é configurado; nisso, patologias podem ser melhor identificadas. A saúde psicológica está intrínseca a uma saúde geográfica; tanto o direito à topofilia quanto o direito à corporalidade saudáveis estão associados à política socioespacial, a uma benéfica psicologia socioespacial. O corpo é acesso da mente, assim, ambos estão no meio, mas transpassando o corporal para o espacial e pelo consciente ao temporal. Com isso, saúde física e mental é evocada ao bem-estar conjunto.

Espera-se, apenas, ter-se fundamentado uma configuração ampla para abarcar, em geral, a problemática de uma psicologia socioespacial, mas, atenta-se, é-se um estudo que necessita ser pensado em parcialidades. Isto é, instigou-se a pensar, de modo epistêmico e ontológico, a condição da existência geográfica em planos de enfática teórica. Esse estudo provoca, pois, aos corajosos, melhorar as proposições e construções ao guia prático. Que as investigações entre o psicológico, sociológico e geográfico imperem ao homem geográfico uma nova trama, complexa, para colocá-lo em questão de modo interconexo. Finda-se, assim, alertando que este trabalho não passa de prolegômenos às continuidades científicas.

Referências

- BALBI, Thiago; FERRARA, Lucrécia. Por uma teoria psicogeográfica da comunicação, Intertexto, Porto Alegre, n. 41, p. 14-34, 2018. <https://doi.org/10.19132/1807-8583201841.14-34>
- BERQUE, Augustin. Geogramas, por uma ontologia dos fatos geográficos. Geograficidade: Dossiê Sabores Geográficos, Niterói, v. 2, n. 1, p. 4-12, 2012. <https://doi.org/10.22409/geograficidade2012.21.a12816>
- BOMFIM, Natanael. A psicogeografia como trajetos metodológicos: dimensão afetiva no agenciamento de espaços formativos, "fora da escola". Ciência geográfica, Bauru, v. 24, n. 1, p. 191-203, 2020.
- DARDEL, Éric. O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DEBORD, Guy. Introdução a uma crítica da geografia urbana. In: JACQUES, Paola. Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 39-42, 2003.
- DIAS, Juliana. Lugar geopsíquico: contribuições da Psicanálise para uma epistemologia da Geografia. 2019. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Campinas, 2019.
- FRÉMONT, Armand. La Région espace vécu. Manchecourt: Flammarion, 2001.
- GEORGE, Pierre. O meio ambiente. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973.
- GONÇALVES, Glauco. A deriva e a psicogeografia e suas possibilidades para os trabalhos de campo em Geografia Urbana. Ateliê geográfico, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 100-111, 2019. <https://doi.org/10.5216/ag.v13i3.58750>
- HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. 10ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- JACQUES, Paola. (Org.). Apologia da Deriva. Escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- LOPES, Jahan. Complexo de Odisseu: uma geografia existencial do deslocar e do pertencer. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 102, p. 48-62, 2019.
- LOPES, Jahan. Geografia existencial: entosfera, ontosfera e nadosfera. Geografia (Rio Claro. Online), Rio Claro, v. 46, n. 1, p. 1-22, 2021.
- MAISONNEUVE, Jean. A psicologia social. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1967.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- MORAES, Antonio. Geografia pequena história crítica. 21ª ed. São Paulo: Annablume, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos ídolos: como filosofar a marteladas. São Paulo: Lafonte, 2020.

PELUSO, Marília. O potencial das representações sociais para a compreensão interdisciplinar da realidade: Geografia e Psicologia Ambiental. *Estudos de Psicologia*, Brasília, v. 8, n. 2, p. 321-327, 2003. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000200014>

TORRES, Rozalia. A Geografia e a Psicologia: aproximações através do uso da Associação Livre para o estudo das Representações Sociais. *Boletim Gaúcho de Geografia*, Porto Alegre, n. 34, p. 57-76, 2009.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Ed. USP, 2017.

SARTRE, Jean-Paul. A Náusea. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. Crítica da razão dialética: precedido por questões de método. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. O Ser e O Nada: ensaio de Ontologia Fenomenológica. 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SORRE, Max. A adaptação ao meio climático e biossocial - geografia psicológica. In: MEGALE, Januário. (Org.). Max Sorre. São Paulo: Ática, 1984.

TUAN, Yi-Fu. Paisagens do medo. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

TURIM, Maria. Leituras em espera. 2004. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2004.